

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

A Viuva do Fusilado (D. Berta Maia)

Uma visão de amor num lago de sangue — A tragédia de Carlos da Mala — As suas palavras ante os criminosos — Vontade de ferro de um fraco corpo — Os terrores do "Dente de Ouro," — Dehl sombra em busca da justiça

Nesse drama, mais terrível do que se julga, a representar-se no tribunal de Santa Clara, ha uma figura inesquecível para mim, seu admirador e seu devoto, a qual tenho sempre diante, na fotografia, debruçada sobre o ombro do marido morto, daquele que foi o meu amigo, quasi o meu irmão.

Berta Maia é a incarnação suprema da dôr, é, com o seu arzito insignificante de senhorinha, morena, de olhos vivos, claudicante e assombrada ainda, a personificação da amargura e do amor por um corpo de heroi caído numa cilada.

Ele, o José da Maia, amava-a com um desses affectos dos quarenta anos em que se dá tudo quanto uma alma reflectida nos combates da vida pôde encontrar de sublime para oferecer; queria-lhe como raramente se pôde estimar alguém e desde que o filhito nasceu mais entranhadamente—se é possível—se lhe dedicara. Divisinara-a ao torná-la mãe.

Vibrante, nervosa, louca pelo seu homem, adorando-lhe a bravura e a sensibilidade—ele era uma criança grande—se não comparticipava dos seus triunfos publicos, essa coxinha singela de modos e desentranhada em ternura, não sentia o viver no proprio coração, que lhe entregara, mais do que os seus menores desejos, do que as suas mais pequeninas impressões.

Aquele larsinho modesto onde o oficial de marinha, de espirito candido, a guardava alçara-se até ao maximo e dentro dele só o amor sublime habitava sem uma quebra, sem uma falha. Ela, a portuguesinha, feita de ternura e de carinho acalentava dois berços: o do pequenino, aquele onde o embalava, como nos seus bracitos debeis apertava o seu marido, o seu grande homem. Segredos entre eles talvez só um, aquele que eu sei e à Berta escapou, numa tragédia desenrolada, tambem, quando o José Carlos caiu como um bravo defrontando os cobardes, nessa sinistra arcada do Arsenal, onde tantas vezes, nas horas da sua aura, passara como um bom triunfador.

Foi ali nessa casa, cuidada como um oratorio, onde ambos se amavam, que se iniciou na viuvez e brotou a fonte perene do drama das suas lagrimas.

Nessa noite, a maruja entrou de rompante; com o seu ar audaz appareceu-lhe e ele gritou-lhe, ante o terror espalhado no rosto maguado da mulher: — Carlos da Maia, sou eu. Que querem?

Tratava-se de ir ao Arsenal... Alguem o queria lá...

Apontaram-se bôcas de espingardas, torciam-se sarcasmos nas bôcas dos marinheiros, que alguem—segundo o *Dente de Ouro*, agora confessa—lá mandara buscar o heroi com o qual jámais seria capaz de se defrontar em vida.

Berta de Castro e Maia, tremula, desvairada, num grito de alma, procurando comover os assaltantes, segurando o filho nos bracitos nervosos, buscando salvar o marido, suplicava, atirava-se ao sólo, ajoelhava, punha as mãos, bradava desesperadamente tudo quanto ouvira ao seu José nas conversas de amizade, do lar. «Que ele amava muito a marinha, que nunca quizera mal aos marujos, a sua farda honrada cobria um peito leal e que o deixassem, não o levassem, pois ela bem sabia para que lho vinham buscar... Perdoassem, se havia que perdoar ao chefe illustre da revolução... Vissem-na ali de rôjo, chorando todo o pranto dos seus olhos... e olhassem para a criancinha...»

O esposo, num impeto, agarrando-a nos braços fortes, gritou-lhe:

— Berta, levanta-te... Uma senhora não ajoelha diante de insubordinados...

Mas agarrava-os mais, comunicava-lhes a sua dôr, via abater-se os canos das armas e ouvia uma voz dizer:

— Vamos-nos; com mulheres assim não ha que fazer... Fique, meu comandante...

Então desabrochou-lhe a esperanza no coração para logo se entenebreecer num borrão de luto.

— O que?! Ha de ir...! Tambem a minha mãe morreu de dôr quando me mandaram para a Africa, no tempo de Sidonio, a ganhar um pataco por dia...

Era o *Dente de Ouro* que falava e mentia. A mãe estava viva; ele não fôra dos deportados.

Desfizera-se a comoção e caída no chão regado de lagrimas, Berta Maia ficou prostrada enquanto lhe levavam o marido.

* * *

Então, eu sei-o bem, aquela desgraçada mulher viu, o que se chama *vêr*, com a dupla sensibilidade das nervosas excessivas, o crime que a vestia de cresse na alma e no corpo. A' hora em que o matavam, lá em baixo, no tunel fatal, ela clamava, parecia apalpa-lo nas suas derradeiras contorsões e olhava os dedos como se os sentisse molhados do amado sangue.

Passo a passo — pode dizer-se — seguiu essa scena feroz e a certeza do crime foi apenas a confirmação do que no seu cerebro se apresentava. Então, não descansou mais; não soceçou um instante, não se despreendeu da sua idéa de topar o criminoso, de ouvir essa voz que lhe condenara o marido, de penetrar esse rosto do mentiroso que o arrastara para a morte. E viu-o, e reconheceu-o, e acusou-o, e gritou-lhe o seu odio. Só diante desse corpito tenro, de aleijada, de doente, em cuja intimo uma grande força reagia, o *Dente de Ouro* estremecia, "baixando os olhos.

— Tirem-me daqui esta senhora . . . ! Sempre esta senhora na minha frente ! . . .

Excitava-se, arremetia, deixava a sua serenidade quasi insultante e acobardava-se vencido como um lacrau sob a influencia duma pilha elétrica que o subjugasse, o quebrasse, o submetesse.

— Não a quero *vêr* . . . ! Levem essa senhora . . .

— Foi ele . . . Foi ele . . . afirmava sempre a desditosa como se quizesse que uma grande justiça — essa que não existe em Portugal — o varejasse de balas, na parada duma fortaleza em holocausto ao seu grande amor e á sociedade ferida, á disciplina enxovalhada, rasgada na sua contextura por aquela traição a um valente sem culpas.

Jamais assisti a dôr tão grande e escutei tanta eloquencia dilacerante nuns labios desmaiados como quando sobre o caixão do meu amigo de infancia, ela, dando-me para os braços o filho, jurava a innocencia do morto, e o dizia dedicadissimo à marinha, chorava como se as suas lagrimas, regando aquele ataúde, fizessem reviver o assassinado e, semi-louca, contorcida e desvairada, imprecava tudo e de Deus esperava castigos para quem lhe roubara a alma da sua alma.

Eu segurava nos braços o innocente e, por sobre o pano doirado do caixão, as mãositas brancas e gordinhas do *bébé*, tão amado pelo pai, pareciam procurar os feixes doces da luz dessa tarde de outubro e de funeral.

Palido, grave, todo de luto, a barba mais branca, os olhos amortecidos, o coronel Coelho, presidente do ministerio da revolta, entrava e, então, os gritos da desditosa redobravam, o seu olhar scintilou em cóleras — apesar de a ouvir exclamar, dolorida, torturadamente:

— Mas minha senhora, quem são os assassinos?! Juro que os mando fusilar!

O fusilamento, assim evocado, recordava-lhe outras balas, as que tinham sibilado cruelmente aos ouvidos do marido no escuro, as que o mataram, as que lhe crivaram a carne do seu amor da qual tinha vindo para a sua a vida da criancinha apertada agora nos meus braços, de mãositas abertas, papagueando, querendo agarrar os raios do sol.

O padre tinha-se detido diante do esquife; o coronel compungido, paralizara-se e, então, jamais um brado tão forte — como se viesse do mais recondito dum ser — se ouviu, como foi o solto pela viuva do fusilado e o qual nunca mais poderei olvidar.

— Assassinos . . . assassinos . . . O meu José era amigo dos marinheiros. Juro, por Deus, pelo meu filho que nunca lhes fez mal . . . Não foi ele quem os degredou . . . E mataram-no . . . Mataram-no . . . Que vão fazer agora . . . ?!

Depois, para mim, que segurava o pequenito, exclamava:

— Ah! o pai era bem seu amigo . . . Olhe que o filho tambem o será . . .

— Minha senhora . . . Minha senhora . . .

Junto de mim e da criança, o coronel dizia sinceramente, aterrado, atônito:

— Mas eu mando-os fusilar . . .

Como fizeram ao José . . . Sim . . . Eu sei . . . Mas o meu marido foi morto . . . Não volta . . .

Em torno da eça soluçava-se: eu sentia cair bagadas de pranto sobre o fatinho branco do pequenito e na atmoslera de dôr, de luzes funéreas, de amarguras e de cêra queimada, a voz de tão debil ser saía, enchia as casa, chegava à rua, vibrava como se quizesse penetrar Portugal com a sua ansia de justiça.

La avançando, lembrava uma sonambula na beira do caixão, eu não a podia amparar.

Ouviu-se um rumor respeitoso e Berta Maia, hirta, não coxeando, firme, quedou-se sem mais palavra. Entrava, macilento e de negro, o senhor presidente da república.

* * *

Depois do enterro via-a numa missa por alma do estremecido amor, razão da sua existencia. Estava transparente.

Daquela mulher corajosa na sua dôr, restava uma sombra metida em veus de luto. Uma multidão afastava-se na porta da igreja para a deixar subir o estribo do trem: as cabeças descobriam-se.

Berta Maia—a viuva do herói—passava como uma soberana trágica entre o povo daquele bairro de Santos que a conhecera feliz, quando se casara, muito contente no seu vestido de noivado, a coxinha que só a alma tinha bonita, linda.

Enclausurou-se como uma dama antiga no seu lar; diante dos retratos do marido—eguais aos que tenho aqui na minha frente e me sorriem—ela fez o seu altar mas não se julgue que a mulhersinha debil esqueceu, não se imagine ter enfraquecido desleita em pranto. Só morrerá quando já não fôr necessaria para a sua justiça—é assim que lhe chamo—até lá terá energia, coragem e impeto. Enquanto ela não se fizer, Berta Maia, não sossobrará, incarnará o espirito do morto pairando na terra.

—Tirem-me d'aquí esta senhora... Ela, sempre ela!... brada o *Dente de Ouro* cada vez que a vê.

E a corajosa de corpito fragil, que lembra o duma bonequita dalcorce, tremulo, n'um arame, lita-o, profunda-o, parece querer arrancar-lhe aquilo que o verdadeiro arrastador de José da Maia para o Arsenal não quizera dizer. Para essa mulher só ha um fim na vida: poder um dia dizer ao filho que se fez justiça no assassino do pai, mas na sua lucidez de nevrotica, na sua personalidade de amorosa, a quem tudo roubaram, a desconfiança que partira de mais alto a ordem para lhe arrancarem o marido não se esbate. Dia a dia, a acalenta, a consolida mais.

Aqueles marinheiros enternecidos pelo seu pranto, os que se decidiam a deixar-lhe o esposo, vê-os como longinquo comparsas duma velha reminiscencia, perdidos, diluidos no sonho da sua desventura. O *Dente de Ouro*, sente-o como o cynico agente levado a cumprir o mandato, a sentença de morte, carrasco de camisola d'alcache, obedecendo á vontade doutros cujos nomes ela não conhecia mas cujos gesto parecia ter visto como *vira* a morte do marido na arcada escura, na treva, no insulto, na traição.

E eram aqueles—os do mando—que a sua vontade procurava, que seu pressentimento lhe mostrava existirem, era a êles que pretendia alcançar e buscava sem descanso, ouvindo do irmão do assassinado, inquirido, enxugando as lagrimas para esculcar as provas do acaso, para se apoderar de um detalhe, para conduzir os vingadores já que na justiça não confiava.

Agora o *Dente de Ouro* falou; atirou um nome, declarou que o mandaram, acusou, e, podendo ter mentido,—como em casa da vítima, ao dizer que a mãe morrera de dôr ao sabe-lo deportado—em todo o caso, arrasta um oficial ou mais, a dar um vigor novo à alma desconfiada

da verdade, a Berta Maia, ansiosa de saldar contas, no mais legitimo dos direitos, no mais nobre dos deveres. Não quer inocentes sacrificar; para isso basta-lhe a recordação do esposo mas exige a verdade, quere-a, hade tê-la.

Sei-o bem. Ela não morrerá, fraquinha e triste como é, sem que, por qualquer modo, o acto do holocausto se leve a cabo. Naturalmente ensinará a seu filho a religião do nome do pai e, ao mesmo tempo, à medida que o pequenito fôr aprendendo a falar, inculcar-lhe-á no cerebro a sua dôr, contar-lhe-á a infamia dessa noite terrivel, não o quererá vestido na farda igual à do assassinado, porém eu creio — tanto conheço essa mulher singular — na sua dôr de vingadora, será capaz de conduzir o fructo do seu amor, ou vê-lo homem, até fazer justiça se, como é possível, a dos tribunaes falhar.

Vida de uma outra vida, a viuva do fusilado, é como o fogo fatuo de uma campã, é como um espectro passando na terra em busca de socego, para acabar tambem, e não voltar a penar, e isso só pode acontecer-lhe quando poder parafrasear aquele dito do marido, heroe sentimental, ao oferecer à mãe — que eu tanto conheci e estimei — a fronte para um osculo, após a vitória republicana: — Pode beijar-me, mãe... Eu não matei ninguem...

Berta Maia só irá encontrar-se no Alem com a alma amada, quando lhe fôr possível ciciar os dizeres em que irá toda a expressão do seu grande amor:

— Descansemos em paz, José... Eu já vi fazer justiça...

E quem sabe se ela só a impelirá, assim fraca, decaída, debil, coxeando, confiada em Deus e em si, sopro de uma vontade que não se abala, entregue a um vento que a levá e não esmorece, visão de um amor à antiga, num mundo de lama, digna, na sua dôr, gigantesca na sua mesquinhez física, altiva na rua, prostrada e chorosa em casa, sendo bem digna companheira do soldado, a viuva do heroico e bravo fusilado.

A Monarquia e os receios do sr. Mayer Garção

**O pavor da monarquia despotica — O que foi e
deverá ser o regimen monarchico — Da tradi-
ção ao futuro—D. Miguel e o jornalista—A pes-
soa do rei—A tirania já venceu**

Um jornalista marcante na politica republicana — o senhor Mayer Garção — imagina os monarchicos, ao restabelecerem o seu regimen, eivados de ideias medievas e prontos a ressussitar as forcas, a galvanisar os espectros dos frades e a dar corda aos caceteiros.

Teria assim todo o aspéto do que se convencionou chamar república em Portugal essa restauração. As forcas foram substituidas pelo fusilamento na treva; os frades pelos bandos de empregados publicos menos uteis que os reverendos aos quais muito progresso se deveu e os espancadores estão aí a cada esquina á minha espera e do senhor Mayer Garção.

Não se acredite, pois, que a monárquia — pelo menos aquella que eu preconiso e de outras não quero saber — venha a ser um retrocesso, uma anomalia na vida politica moderna, uma revivescencia de outras edades. A minha formula é esta: *A tradição servindo o futuro*, isto é a ligação do que ha de grande e de puro nas velhas instituições, preso ás máximas aspirações do espirito humano, como se enreda uma lenda numa alma moça e como uma trepadeira viçosa disfarça e sustenta uma ruína.

Os povos do tipo portuguez não podem viver na intranquilidade da substituição do chefe do Estado, tampouco se adaptam ás balburdiantes ambições dos aventureiros; as mulheres, sobretudo, enchem-se de uma razão suprema — a da vida dos filhos — ao entreverem a falta de crença, ao sentirem a perseguição, ao soffrerem com o avanço das plutocracias só possível dentro da demagogia como a que domina em Portugal.

A idea espalhada de que o regimen monarchico seria o do capitalismo, o da exploração — como os republicanos diziam — deve ser posta

de lado desde que se vê quem manda actualmente. Roberto costuma dizer-me — e hade contar a historia nestas paginas — que viu meter uma garota, vestida de encarnado e verde, nos cofres da rua dos Capelistas e que de lá não safu mais, tentada com os cartuxos de *bonbons* loiros: as libras que lhe distribuem.

No tempo da monarquia, mesmo na sua decadencia, jámais triunfaram tão ousadamente os monopolios como agora e os governos não enriqueceram moageiros empobrecendo o país. Aqui tenho eu as cotações do pão no tempo de João Franco: setenta e cinco e quatro vintens o kilo! O trigo nacional quasi chegava para o consumo e nas sopas economicas a pobreza encontrava o seu talher sem ser preciso que o jogo a sustentasse. Havia mais religião, mais pudor, mais respeito, mais crenças na patria e embora os políticos preparassem, com suas ambições inconfessaveis, o advento da republica não se aniquilara totalmente a ideia de honra, hoje tão falha.

É necessario regressar aos velhos preconceitos, ao restabelecimento desse fio que prendia tradições e, ao mesmo tempo, num desempoeiramento de quem vê a marcha da humanidade, dar ordenadamente regalias a quem as merecer. Pensar que na monarquia vão mandar os fidalgos de nascimento ou os burguezes pletoricos de ouro, é como julgar-se que a Inquisição funcionará, no seu antigo logar, com potros, ferragens de torturas e familiares eguais na alma aos facciosos denunciantes assolados pelo regimen que governa actualmente a nação. Todas as conquistas cabem dentro da minha monarquia e se quero o rei é porque êle representa mais hierarquicamente a patria do que um nosso amigo alçado ás honrarias por um grupo de outros seus amigalhotos reunidos num areopago. Antes quero um principe, nascido de um ventre de rainha e para a soberania educado a unificar um povo, do que um cidadão, embora de excellentes qualidades, a parodiá-lo dentro de carros à Daumont.

Uma das causas da separação do proletariado da monarquia é a de que ela será sua inimiga, lhe roubará as suas benesses e o obrigará à escravidão patronal. Acredita-se nisto como num dogma e desconhece-se a impossibilidade desse passo. O que se deve realizar é um estreitamento de relações entre os intelectuais do trabalho, medicos, advogados, engenheiros, agronomos, quimicos, escritores com os seus colaboradores manuais afim de poderem entender-se nessa batalha em que a classe média — a das profissões liberais — será vencida ante as plutocracias, amanhã reduzidas e hoje, mais do que nunca, triunfantes.

É que na minha monarquia haveria com a ordem a justiça; e não é nem um idealismo nem uma fantasia julgá-lo possível desde que essa instituição, ainda quando a estacelar-se aos golpes dos políticos, em 1910, era muito mais liberal, honrada e digna do que a anarquia do alto, esse caldo de cultura dos bacillus da desorganisação, aí existente e que

não é república a não ser no velho sentido dado à palavra pelos nossos avós.

É certo, A monarquia expiou os seus desvarios, as suas lutas, as suas erradas marchas. Expiou; ou antes, todos nós estamos passando — com a chamada república — as dôres das suas culpas.

Clamavamos; e em troca, em vez da ideal donzela do rejuvenescimento, deram-nos a gaiata desmoralisadora. Esta também hade expiar os seus delitos, eu creio-o e grandes êles são, enormes, aterrantes: é o assassinio, é o incêndio, é o roubo, é a concussão, é a desordem, é a impunidade, como nunca se viu nem mesmo nesse tempo de D. Miguel tão detestado pelo senhor Mayer Garção.

As forças eram a legalidade, facciosa por vezes, mas erguidas em nome da lei; as esperas sinistras, a rusga armada, a *camionette* que na treva, avançam e conduzem os dois grandes soldados da república — o Machado dos Santos e o Maia — no misterio, são a arma hedionda como todos os outros rastros de morte ainda quente. Os que lançavam o fogo puniam-se, naquele tempo, os ladrões não andavam nas obras do Estado, nos seus escritórios, nas suas secretarias, mas nas estradas, e nos pinhais e é preferível que tivesse vindo o almirante Roussin levar-nos a frota do que — como succedeu ha pouco — a desbaratássemos em orgias depois de a termos comprado com sangue. No fim de tudo, D. Miguel era tão honrado que entregou as joias da corôa em Evora Monte e foi proscrito sem ter um *bajoco* para comprar leite no seu exilio de Roma. Era um mendigo, o infeliz principe, comparado com o mais simples delegado do governo republicano no estrangeiro, como aquele Almeida Pinheiro, que se poudé apossar de um milhão de francos.

Ainda que ao miguelismo se voltasse — no que eu não colaboraria — haveria vantagens, comparado com o que se vê. Mas não succederá assim.

A monarquia que espero, aquela a que daria o meu esforço a unica que amanhã poderá triunfar é a progressiva, a das conquistas modernas, ligada à tradição municipal e a hierarquia de um chefe bem rodeado de galas mas também de leis.

A outra — a impossivel — a dos fusilamentos, a da fantasia do senhor Mayer Garção, essa, não carecemos implantá-la pois já existe: está aí triunfante e tem um grande defensor no ilustre poeta e no denodado e romântico jornalista. Conhecem-na? É aquela anarquia complicada a que convencia-ram chamar: a república.

O Archote da Carestia

As idelas do governo sobre a carestia — Como se deve pôr o problema — Os direitos e os castigos dos comerciantes — As penalidades á moagem — Porque não se mobilisam as fabricas? — O protesto colectivo e os narcoticos.

O governo teve ha dias, uma ideia singular. Chamou os presidentes das Associações Comerciais e dos Logistas e declarou-lhes ser necessario fazer o barateamento dos generos dentro em oito dias, sem o que decretaria, contra os negociantes, graves penas. E' o que se chama popularmente, «olhar para a carestia da vida como um boi para palacio».

Os estadistas portuguezes são duma ignorancia, duma falta de preparação e dum espirito de aventura singulares. Desconhecem, absolutamente, as cousas mais essenciaes e daí esse apêlo aos do negocio para baixarem o preço dos viveres. O senhor Antonio Maria da Silva é engenheiro mas a politica atraia-o tanto que deixou a sua profissão para se tornar em administrador de concelho — o de Redondo —, no tempo da monarchia. Daí talvez o não se recordar já de como se movem as maquinas, como accionam as rodas e os engenhos exercem as suas funções. Pois com o commercio succede o mesmo. Estamos em frente dum aparelho complicadissimo no qual pôde haver travões, alavancas, parafusos, falhas, fóra do seu logar mas não é dirigindo-se ao ferro, ao metal à combinação geral desse maquinismo e mostrando-lhe um canhão que se consegue o desejado. E' como se o presidente do conselho partisse a mola dum relógio e o quizesse a dar horas. O que se deve é ageital-a e depois exigir-lhe o funcionamento.

Eu procederia de maneira diferente se, em vez de ser um panfle-tario humilde, metido no meu canto a contas com a historia e com a pobreza, tivesse feito de mim um dirigente de qualquer pasta.

De ha muito haveria em Portugal esta formula basica :

«O maximo da liberdade comercial no maximo da responsabilidade».

Se assim succedesse não estaria a moagem fazendo bolos da farinha que o governo lhe entrega e vendendo-nos o rolão por massa fina.

Sabe o chefe do governo o que é o maximo da liberdade no negocio?! E' a liquidação das tabelas, é a baixa dos direitos de certos generos, é a fiscalisação das fronteiras rigorosa e digna — sem fiscais que se vendam —, é dar aos que trabalham, vendendo e comprando, largueza para que a concorrência estabelecida possa gerar a variação de preços, é, mais, é sobretudo, obstar-se a que o cambio não dê saltos bruscos, rapidos, filhos da má administração publica e dos negocios porcos que se fazem na praça sem que uma acção se exerça no sentido de os atalhar.

Com uma meia normalisação cambial a vida terá um novo alivio. Dando-se ao commercio o maximo da liberdade, estabelecida a lucta nos mercados, ir-se-ha para o barateamento. Isto é uma lei fatal, embora a Economia Politica esteja á transformar-se.

Sabe o governo o que é o maximo da responsabilidade? Vou tambem dizer-lho, apesar de o sentir aterrado, imaginando-me a querer enfeitar os candieiros, falhos de luz, da capital, com os corpos desses soberbos burgueses. Não. O maximo da responsabilidade consiste em punir ferindo na bolsa. Descobre-se um açambarcamento, uma falsificação, um conluio para a carestia o qual, no caso de haver liberdade comercial, é um duplo crime, e devem logo ser presos os individuos autores de semelhantes actos.

Instaurar-se-lhes-ha um processo rapido e irão a julgamento em audiencia de juizes, e de jury, que represente a nação saído da sua classe, das associações proletarias e dos grupos intellectuais. Dir-me-hão que é complicar. Eu digo que simplifico muito, entregando, em 24 horas, a prejudicados, a consumidores, a negociantes e a magistrados os acusados de causarem o mal do país. Então, o condenado terá que esportular uma quantia decuplicada em relação ao prejuizo feito. Não tem o dinheiro; prova-se que é um ambicioso querendo abrir o seu caminho á força de infamias, envenenando-nos, arruinando-nos depois ser-lhe-ha sequestrado o estabelecimento para pagamento da multa e condenado a não negociar, durante dez anos, com a perda das suas qualidades de cidadão. Estes homens ferem-se nos cofres e não nas alma; a consciencia deles é a libra e o coração o dollar.

Haverá sempre uma pena de cadeia ante a reincidencia para áqueles que exportularem o dinheiro e essa condenação deve ser cumprida na Penitenciaria Militar onde o regimen é severo e não na Civil, hoje tornada num alfobre de cultura de criminosos. Ainda outro dia vi um penitenciario, com o numero estampado nas costas da jaleca, a beber vinho com os guardas numa baiuca de Campolide, junta da paragem dos electricos. A Africa tornou-se o paraizo dos delinquentes. Daí tornar-se necessario o rigoris-

mo do carcere de Santarem para que, no silencio, se chegue á profunda meditação.

Ninguém, dessa camada, imagina o que é o pavor duma cela. Ali se reflete e ali se refazem muitas almas. E' preciso que a experimentem para uma correção no seu procedimento de exploradores.

Assim se defende e se anima a instituição commercial, se dão aos honrados as garantias e aos culpados os castigos. Isto, não se consegue explicando aos presidentes das Associações Comerciais que se quiere, em oito dias, a barateamento da vida.

A grave questão, porem, não a tratou o governo com a severidade precisa. Refiro-me à do pão. Torna-se desde já, indispensavel a imposição do tipo unico, não como existe aqui no Estoril — onde vivo — e que representa uma fraude por um preço exagerado — mas na realidade, ineludivel e garantido, embora se deixe ás fabricas de massas a parte de trigo necessaria para o consumo proibindo, todavia, tudo quanto sejam pães de luxo, bolos feitos nas padarias, as fantasias de toda a especie que os ricos comprem carissimos e os pobres, com a falta de alimento no pão, pagam com o seu sangue.

Para a moagem ha um caminho unico, como o tipo de pão que se preconiza. O governo sabedor, pelos seus representantes no estrangeiro, do preço dos trigos decretará a livre importação. Toda a gente poderá mandar vir o cereal que será aceite dentro da unidade basica e enviado para as fabricas nas quais começará vigorar um regimen novo.

Chamados os seus directores dar-se-lhes-ha a escolha entre fornecerem o pão por um preço decente e bem fabricado, mesmo mandando eles vir o trigo ou, então, entregarem os seus maquinismos e propriedades, valorizadas por uma comissão tecnica, ao estado, o qual não as irá dirigir — porque seria o cahos — mas as confiará a competentes, as passará, inclusivamente, depois de pagas em bilhetes de tesouro, a outras entidades que queiram assinar este contrato honrado e do qual se pode tirar ainda um lucro não para fazer millionarios em dois anos, como tem sucedido, e aqui os apresentaremos, com os nomes e moradas, dos felizes — mas para se ganhar dezenas de contos.

O decreto, agora publicado, não resolve nada. Entregue aos delinquentes falsificadores ao Conselho Superior da Agricultura ou ao ministro, eles ficar-se-hão a rir. Senão vejamos. O moageiro é, por via de regra, uma pessoa bem relacionada; usa automoveis, as suas mulheres visitam as das próceres da republica, algumas dão festas magnificas, e daí umas ligações sociais que farão abrandar os conselheiros agricolas e os politicos. Ha até moageiros monarchicos por signal que deliberaram relegar-me para fora do Municipio nas proximas eleições, no que me fazem imenso favor — e esses influem do mesmo modo, porque, realmente, subsidiam jornais de influencia, trazem a soldo piratas do mar da

tinta e levam a sua onipotencia a profbirem—como eu tenho a prova—que nas suas gazetas se façam referencias aos meus trabalhos literarios.

Os desvairados não sabem o que lhes succederá em breve quando acordar a consciencia dos seus servos plumitivos ou quando a hora da explosão chegar. Isto, porem, é assumpto para o artigo que sobre a imprensa portugúesa publicarei em breve mostrando ao publico os seus bastidores. Já sabem; jornal onde se corte o meu nome quando outros criticam os meus livros—o meu pão—é pertença de moageiros e como tal deve ser fustigado. De resto, eu aqui estou para os indicar tanto como para dizer ao governo ser fraco o seu decreto sem a mobilisação das fabricas, embora as pague pelo seu valor.

O seu-vâlor?! Neste campo da valorisação ha tambem que notar muitos detalhes. Os donos poderão dizer ser de incalculavel preço o que lhes rende 90000 contos por ano—conforme confessou o ministro da agricultura—mas o gabinete deverá responder-lhes—e eu assim faria se dele fizesse parte—que quinhentos mil contos, roubados ao paiz durante cinco anos já pagaram, em demasia, os maquinismos. Tratar-se-hia, neste caso, duma expropriação por utilidade publica e satisfeita conforme se decidisse.

Dir-me-hão que tudo isto são violencias; eu responderei com uma pergunta:

—Qual dos senhores, rico ou pobre, está contente com o pão e com os impostos? Ha quem o esteja? E' porque tem lucros na moagem. Um homem, mesmo muito rico, já sabe que se come pão bom o paga em dinheiro de imposto. E' o que moageiro lucra.

Bem vejo, bem sinto. Eu ouço e nas salas, nos grandes meios, nas Camaras. A maioria não está ao lado da fraude, está comigo que represento a sincera queixa dos espoliados.

O governo tambem já procedeu ante o meu clamor e dos que vão neste protesto de justiça. Mas fez pouco. Já o demonstrei. Fez pouco. Proceda com mais energia para que o povo não acorde numa noite, á luz dos archotes, e quando se dê um narcotico á guarda republicana.

Cousas do outro mundo apreciadas neste

As encarnações e os incarnados — O que foram no passado alguns homens do presente — Os gestos de hontem e os de hoje — A inquisição e o Gheto — Os males do mundo — Caprichos de millionarios

Não sei se sabem que mistress Rochefeller Mac Cormick, riquissima americana, foi esposa de Tutankhamen, o Pharaó, morto, ha seis mil anos, e cujo tumulo acaba de ser violado pelos ingleses. Ela o diz e, embora não apresente provas nem se habilite à herança colossal das magnificencias que essa jazida encerra, temos que a acreditar, pois é muito feio duvidar da palavra suave de uma senhora, e, para demais, tão opulenta de teres.

A millionaria recorda-se de, naquela época recuada da historia, estar sentada numa das maravilhosas cadeiras do poderoso monarca e de nada mais se lembra, após isto, pois que outras recriminações não se lhe alhoram no pensamento. Atômó — como o das memorias de João da Ega — esta parente do rei do petroleo transmite à Europa as suas impressões da vida anterior numa fortuna para os espiritalistas e gastando outra no telegrafo.

Tambem em tempo um cultor dessa sciencia — o doutor Souza Couto — me quis convencer que, em virtude do meu entusiasmo napoleânico e porque ao génio da guerra chamava simplesmente o *Imperador* — teria sido soldado do Cesar e morrido em qualquer batalha vivandó o soberano para renascer tornado num escribá e longe da França onde poderia, ao menos, ter ganho bem a vida. Claro que argumentei, mais por minha maneira de repontar — na qual êle talvez visse a dum *grognard* do grande exercito — que por propriamente me interessar o que fui noutro tempo, pois ainda ás vezes ando sem saber o que, na realidade, sou diante desta sociedade egoista e desta turba feroz. O que queria ser sei-o eu; enquanto ao que se passou — se algo se deu mais do que um grande arrepio na vida de dois sêres a gerar-me — pouco influe em minha existência presente.

O bom doutor tinha a mania de falar sempre dos santos pelos nomes proprios sem lhes designar a qualidade e, como um dia falasse de S. Martinho, tuteando-o, chamando-lhe o *Martinho*, eu asseverei — coitado êle só bebia café — que na sua primeira encarnação fôra um bebado visto a familiaridade usada em relação ao mais puro dos santos, ao qual gente de má indole acusou de pecados de taberna.

Isto vem a proposito das recordações de mistress Rockefeller e tambem do que poderiam ter representado noutras existencias algumas das figuras portuguesas se acaso, como aquella dama de tão larga e fecunda fantasia, e, sobretudo, com tanto dinheiro para a cultivar, se dessem ao trabalho de dizer de sua justiça ancestral.

Por exemplo, haveria quem se entrevisse noutra época distante, numa floresta, sob cujas arvores passavam enormes serpentes silvando e desenroscando-se nos seus convulsos torcicolos; em cima, outros animais, peludinhos, de olhos vivos, balanceando-se, acenando, imitando os assobios sofriam toda essa vida extranha do mato, com bichos enormes abanando os troncos, luctas sangrentas de brutos escornando-se na treva, auroras incendiantes e poentes desfalecidos, no começo das eras, quando sobre o mundo sopravam a dôr das desditas, os cataclismos, as transformações da crosta vil da terra. Os animais de pêlo, sobre as suas ramadas, encolhiam-se, receavam, cumprimentavam, fugiam, saltitavam até que um dia chegou o homem — o conquistador, o descobridor. E então, em vênias mais profundas, ante o sorriso acolhedor do que vencia, um desses interessantes viventes, porventura o mais sabido do bando, deixou-se aprisionar e foi, com graça, mesuras e gestos, de olhos vivos, ardentes e bem sobrancealhados, levado para a nau onde, dentro em pouco, por sua gentileza, subordinação, galanteria e viveza, se tornava o cherubim da maruja. Tantos seculos rolaram e milhões de cousas extranhas viu o mundo mas no cerebro de que se abriu assim a primeira incarnação da vida só aquellas scenas devem acudir. Pode-lo-ia evocar, talvez, o senhor conselheiro Bernardino Machado.

E outra passagem curiosa de uma existencia antiga, um quadro de um tempo mais proximo, mas nem por isso menos interessante aconteria ainda.

Descendo numa galopada rija pelos contrafortes da serra, saltando de brenha em brenha, de covão em covão, as grandes cabras dos penhascos mal se detinham aos berros do pastor e iam meter-se a caminho do redil, levadas pelo seu instinto, ante os blócos de gelo rijos, esparilhando lascas e esfumaçando-se, que se soltavam dos cómoros.

A voz rouca do maioral soava; debalde os outros, já recolhidos, com suas rezes, lhe berravam para não espantar o rebanho, porém, êle atirava-lhe com pedras de neve, escorregava mas espancava as retardarias, via-as cair nos precipicios e serem engulidas mas não parava, espicaçava, rugia tanto como a tempestade até que entrou no aprisco e se viu quasi só. Os abismos tinham tragado a maior parte dos animais a êle, sentado num canto, afoqueado, a salvo, estendendo as pernas para o fogo, punha-se a ordenhar para um cantaro barbaro, como o seu safão de lâ carneira, o leite das quatro cabras que lhe apareciam, das sobreviventes do bando acometido pelo vendaval. Depois, comia, com delicia, a nata, ao tempo que o sol despertava e só para êle parecia nascer.

Nos recantos do cerebro do senhor Afonso Costa talvez haja a visão deste mau maioral, guardado na sua cabana, enquanto parte do que se lhe dera a aspascentar perecia e êle fazia do resto o seu alimento.

Devia ser dos Herminios, sobre a encosta de Ceia, o extranho guardião de gados sem cão que o mordesse e sem patrão que o castigasse.

E assim, de miolo em miolo, espremendo dum lado, espiolhando douro — ha alguns que só em piolhas fervem — seria possivel reconstituir, pelas acções de hoje, dos nossos politicos, dos nossos banqueiros,

dos nossos industriais, dos nossos escritores, dos nossos militares, da nossa nação que eles dirigem, exploram, descrevem, defendem, dominam e estragam, todos os avatares porque passaram e, as figuras que fizeram no decorrer dos tempos.

Agora não são eles que o veem confessar, como *mistress* Rockefeller —mas eu que os entrevejo em todas as suas manifestações.

Ha uns que serviram nos carcereiros da Inquisição e foram do Santo Ofício, alucinantes e pérfidos, vindo acusar e assistindo aos tormentos, lisongeando sempre o senhor Cardeal Inquisidor e para mais tarde, ajudarem a demolir aos berros os *in-paces* por sua iniciativa atulhados. Passada a fúria libertadora eles continuariam a fornecer as vítimas, a embastilhar mais gente.

Germens destes estádios devem propulsar nas cabeças de muitos adesivos, devem borbulhar no sangue de imensos sacripantas tornados plenipotenciários.

Depois é um bairro destinado aos jadaisantes onde prepassa, com a ancia duma vida larga, toda o fartum da porcaria, olhos fusilantes de mulheres lindas, parecem alumiar como estrelas as casas baixas de Gheto, dos relapsos. Ouve-se apenas um cíciar de orações e um tímido tido de dinheiro; de repente, um brado de fúria, uma arrancada, portas que se abatem, crianças que choram e soldados brutais, entrando, lançando fogo, fazendo fugir os homens e beijando as virgens, mordendo-as de luxuria, acabariam atulhando as escarcelas com o dinheiro de Judas que tinha proliferado entre a bíblica raça perseguida.

Agora, sentados nos seus gabinetes luxuosos, diante dos seus cofres fortes, estendendo as mãos para as campainhas e movendo mundos, despenhando rolos de libras com fracasso, sorrindo, mandado nos ministros e nos soldados, abrindo o fogo para queimar as cidades nas rebeliões, pagando aos que os servem e mais ainda aos que sabujam, os descendentes dos condenados—senhores da Terra de Portugal como do resto do orbe—devem ter no fundo do cerebro a sua primitiva incarnação daquela vida tão desolada e tão dura. Suspirarão de alivio muitos banqueiros e uma anciedade de vingança instintivamente lhes chegará. E talvez o mistério das oscilações bruscas do preço do dinheiro.

Isto não é porque pertençam a essa raça de trabalhadores que venceu ao cabo de persistencia, sem fim mas porque procuraram nelas, o apoio que dura até hoje.

E o resto: que de visões de sangue, de dores, de torturadas maguas?! Quantos lampejos de punhais, quantos desenovelar de odios, quantos horríveis pecados, quantas infamias de que nasceram as guerras, os incendios, os incestos, as sodomias, o Mal, sobretudo, não acudiriam aos seres se eles alguma vez tivessem estado no mundo numa outra personalidade?!

Se como a *mistress* pretende os homens pudessem lembrar-se do passado a humanidade ainda se tornaria peor, porque decerto aproveitaria a pratica, embora brumosa, para redobrar no crime.

A primeira incarnação da senhora Rockefeller, Mac Cormick não passa, pois, de mais um capricho de milionaria, em Portugal só possível —pelo dinheiro já se vê—em alguma de ouros e de sonhos que se declare a Cleopatra, cantado por Bocage, ou sensível mulher de Pulifar.

